

16 a 1

1232
SANTIAGO, março (Pela Panair do Brasil). — Pois eu confesso que estava apostando nos uruguaios; não vira os argentinos, e tinham me dito que eles não estavam grande coisa; vira os uruguaios contra o Equador, e eles me pareceram mestres sem contraste, com uma defesa maciça e uma linha perigosíssima, com um sistema de passes adiantados ("em profundidade", como dizem os cronistas) de efeito fulminante.

A torcida chilena preferia um empate, que deixaria o Chile sózinho em primeiro lugar; quando os uruguaios fizeram um goal, passou a torcer pelos argentinos, e quando os argentinos fizeram dois goals começou a torcer pelos uruguaios. Mas os argentinos continuaram e foram até o sexto; o veterano Labruna, de 37 anos fez 3, e durante todo o tempo dirigiu seu time. Os "celestes" ou "charrúas" como se diz aqui, levaram uma surra dos "transadinos" como não há exemplo na história do futebol platino; estão purgando bem o pecado do orgulho que os assoberbou depois daquela tarde do Maracanã; e por sinal que um dos heróis daquela tarde, Matias Gonzalez, chamado "el león de Maracanã", com o acento assim mesmo, perdeu a cabeça, agrediu um argentino a socos e foi expulso de campo.

Quarta-feira, quando esta crônica deve chegar aí, argentinos e chilenos estarão disputando o primeiro lugar deste sul-americano.

Antes do jogo houve "um minuto de silêncio" em homenagem a um prócer do futebol argentino que morrera na véspera. Em outro jogo a que assisti também houve "um minuto de silêncio" em homenagem a um jogador chileno que foi assassinado. Dei-me ao trabalho de conferir no relógio: o "minuto de silêncio" em um campo de futebol não chega a durar 10 segundos.

Alguém me dissera que aquele senhor de bigode em uma cadeira da fila da frente era um adido à embaixada argentina. Durante todo o jogo admirei-me de sua calma. Acompanhava o jogo em silêncio, sem um gesto, uma palavra, uma expressão no rosto que denotasse a menor emoção. Achei incrível a frieza daquele argentino em uma tarde tão histórica.

Faltavam poucos minutos para acabar o jogo quando o juiz marcou um penalty a favor dos uruguaios. Os argentinos reclamaram, mas o penalty foi batido, mal batido, e Musimessi pegou. E de então em diante, como se houvesse despertado o diplomata argentino se pôs a gritar como um louco, cinco, dez vezes: "con penal o sin penal los golemos por igual! Con penal o sin penal los golemos por igual!". 3113155

253